

Reflexões sobre a improvisação – junho de 2023

George Lewis (whatsapp – OE -

<https://www.youtube.com/watch?v=c5CTjuCYOTw&t=9s> – 49 segundos

“Eu gostaria de libertar a ideia de improvisação de modelos musicais e artísticos. Podemos encarar a improvisação musical ou não como uma relação pedagógica em que escutamos para saber onde estamos e onde estão os outros, onde ideias e informações são transmitidas de uns para os outros, onde se aprende sobre si mesmo ouvindo as respostas dos outros que parecem estar de alguma forma relacionadas a você. Assim a improvisação se torna uma prática crítica bem como um meio de afirmação estética. Mas crucialmente, a improvisação se torna um espaço onde a descontinuidade, a ruptura, o apoio e a luta tornam-se caminhos audíveis para novas experiências”.

“...este trabalho se encerra com algumas análises em que sujeitos brancos perfazem uma fissura entre a brancura do corpo e o poder identitário da branquitude. E me parece que para esta fissura ser feita há necessidade de se pensar a ideia de estética não como a pensada no senso comum, definitivamente, ligada ao ideal de beleza ocidental, mas sim pensa-la de forma ampla, como arte da vida, como produção e transformação da existência, o estético como possibilidade de se ligar ao outro: ‘o fato de experimentar emoções, sentimentos, paixões comuns nos mais diversos domínios da vida social’ (Maffesoli, 2005, p.188)...A dimensão estética, assim, pode ocupar uma posição privilegiada para se pensar a luta antirracista e é esse referencial que é explorado para propor uma lógica da identificação que ponha em cena o sujeito a partir da relação estética com o outro (Maffesoli, 2005)”. (SCHUCMAN, 2020, p. 201).

Risquer le Vide

Ao fazê-lo, toda uma zona de experiência se abre diante dos improvisadores: e que propomos como a experiência de um vazio que eles convocam e do qual se alimentam. Um espaço-tempo indeterminado no qual concordam deliberadamente em se perder, sem outro fundamento senão a realidade móvel de um presente compartilhado. Os improvisadores não procuram preencher esse vazio, mas abri-lo e torná-lo um campo de testes (artístico, social, político, ecológico) para trabalhar não mais contra, mas **com** o medo. Por mais experimental e radical que seja, essa abordagem pode emprestar da filosofia oriental sua concepção do vácuo mediano – um vácuo ativo e sussurrante de virtualidades criativas – assim como sua humildade: a práxis improvisada arrisca o vácuo. Confiam nas potencialidades do presente e consentem na vulnerabilidade dos seus gestos, tanto para desfazer a figura do artista agindo por deliberação, como para permitir a emergência de uma arte que se associa ao mundo pela participação.